



MITOLOGIA E TOPOANÁLISE NA COMPOSIÇÃO DO DUPLO GOLLUM: O ESPELHO DO ESPAÇO

MITOLOGY AND TOPOANALYSIS IN THE COMPOSITION OF GOLLUM: THE MIRROR OF TOLKIEN'S SPACE

Milena Lourenço¹

Alexander Meireles da Silva²

Recebido em: 18 abr. 2021

Aceito em: 10 ago. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i2.37573

RESUMO: Com reminiscências da vasta mitologia analisada por J. R. R. Tolkien, junto a uma criada exclusivamente pelo mesmo, a Terra-média, ambiente onde acontece a trama *O Senhor dos Anéis*, também é local de moradia de uma vasta legião de monstros e personagens variados, criados e/ou reinventados nesse âmbito literário. Nós objetivamos com esse trabalho, analisar a composição de uma das figuras mais marcantes da saga: O Gollum, ser que é espelho da duplicidade e assim elemento de fronteira entre o humano e o monstro, numa linearidade de bem e mal que transpassa o meio fantástico teoricamente e geograficamente. Dessa forma, visamos analisar esse personagem a partir das perspectivas míticas e topográficas, visando os espaços habitados pelo personagem como elementos indutores na composição de sua característica personalidade, além de referenciar seus atos aos relatos do *Doppelgänger*. Em relação ao Duplo nos atentaremos a averiguar as relações espaciais que refletem o comportamento conflituoso entre a manifestação sobrenatural Gollum/Smeágol, assim como também a relação ser/objeto na qual colocaremos o Um Anel do poder como a característica teoria mítica do *Kolossós*, sendo este também um Duplo do personagem.

Palavras-chave: Duplo. Gollum. Literatura Fantástica.

ABSTRACT: With reminiscences of the vast mythology analyzed by JRR Tolkien, together with one created exclusively by him, The Middle-Earth, an environment where the plot *The Lord of the Rings* takes place, is also home to a vast legion of monsters and varied characters,

¹ Mestranda em estudos da linguagem pelo Programa de Pós graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), com ênfase em literatura fantástica. E-mail: milena.lsilva12@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), Especialista em Educação a Distância pelo SENAI-RJ (2003), Especialista em Literaturas de Língua Inglesa (2000), Bacharel e Licenciado em Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes (1998) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Associado de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da RC/UFG. É membro fundador dos Grupos de Pesquisa ESTUDOS DO GÓTICO (CNPq) e NÓS DO INSÓLITO: VERTENTES DA FICÇÃO, DA TEORIA E DA CRÍTICA (CNPq). Autor do livro LITERATURA INGLESA PARA BRASILEIROS: curso completo de literatura e cultura inglesa para brasileiros (2005). E-mail: prof.alexms@gmail.com



created and / or reinvented in that literary scope. With this work, we aim to analyze the composition of one of the most striking figures in the saga: The Gollum, being a mirror of duplicity and thus a frontier element between the human and the monster, in a linearity of good and evil that runs through the fantastic milieu. theoretically and geographically. In this way, we aim to analyze this character from the mythical and topoanalytic perspectives, aiming at the spaces inhabited by the character as inducing elements in the composition of his characteristic personality, in addition to referencing his acts to the Doppelgänger's reports. Regarding the Double, we will look at the spatial relationships that reflect the conflicting behavior between the supernatural manifestation Gollum / Smeagol, as well as the relationship between being / object in which we will place the One Ring of power as the characteristic mythical theory of Kolossós, being this also a double of the character.

Keywords: Double. Gollum. Fantastic Literature.

INTRODUÇÃO

Durante um grande período de sua vida, Jonh Ronald Reuel Tolkien se dedicou a escrita de longas histórias, criou um mundo novo, uma nova realidade, e como grande fã das mitologias arraigadas a diferentes culturas ao redor do mundo, criou seu próprio mundo mitológico, reinventou seres e criou outros a sua própria visão. Escrito em um período de 20 anos, a trilogia *O Senhor dos Anéis* nos apresenta a Terra Média, espaço fantástico constituído de aspectos da teologia cristã e da cultura pagã, críticas ambientais, sociais e culturais e com reminiscências do gótico.

Ao fazer a leitura da obra, nos deparamos com um conflituoso personagem que tão pouco esclarece de cara suas intenções durante o desenrolar de sua trajetória na trama, como também deixa perplexo o leitor que tenta entendê-lo padronizando-o a outros personagens fantásticos previamente criados. Ao apresentá-lo na obra como “um Gollum” (TOLKIEN, 2009, p. 72), o autor se refere a uma espécie distinta das outras na Terra media, uma que não estaria ali ao acaso - uma vez que estamos nos referindo a uma obra campeã em detalhes composta num período de vinte anos - e que viria assim a ser responsável determinante da obra.

Encontramos com monstros geralmente são trazidos em conjunto com o sentimento de repulsa uma vez que uma das funções de um ser monstruoso é justamente destacar o não-padrão, o errado, e sendo os mesmos a própria corporificação da alteridade, trazem a ideia de que o diferente é por si só, monstruoso. A nossa então criatura monstruosa Gollum/Smeágol é responsável por influenciar a maior parte da jornada do herói Frodo e seu companheiro Sam. Sua presença, apesar do nosso pré-julgamento, é incapaz de expressar a certeza de seus atos e



traz consigo sentimentos como medo, angústia, tristeza, rancor, mágoa e desespero, o que intensifica o grau de dificuldade da missão e deixa claro que a dualidade que transparece, de fato o rodeia e vai muito além da intrínseca relação humana entre bem e mal a que estamos habituados.

A priori sua figura não é totalmente explorada, o pouco que se sabe se atenta a sua obsessão pelo Um anel do poder: “ele o amava e o odiava, da mesma forma que amava e odiava a si mesmo” (TOLKIEN, 2009, p. 57), perguntas se mantem e durante toda sua passagem pela obra, nos encontramos a certo ponto comparando esse ser que nos é apresentado ao que seria se nunca tivesse encontrado o objeto, e é justamente esse encontro que determina nossas diretrizes para esclarecer a dicotomia de dois seres que habitam o mesmo personagem e que transparecem a dualidade do ser, da mesma forma averiguamos a dicotomia entre dominante e dominado estabelecida pela relação com o objeto. Ambas responsáveis pelas ações completamente diferentes, determinados também pelos espaços em que o personagem percorre.

Duplo x Doppelgänger x Kolossós

A começar pela nomenclatura, já encontramos aspectos esclarecedores a respeito do nosso personagem em questão. Antes do encontro com o Um anel do poder a criatura possuía o nome do Sméagol, relacionado à palavra vinda do inglês antigo “Smygel” que significa “toca onde se desliza”. Fazendo menção a sua classe, sendo o mesmo um hobbit, seu nome sugere também relação com a palavra “Smeagan” que significa “ponderar” ou “perguntar” (CASAGRANDE, 2009, p. 95). A duplicidade de Sméagol se inicia em sua própria naturalidade, Tolkien apresenta os hobbits como seres muito característicos e de fácil reconhecimento, bem pequenos, com pés muito grandes o que resultou em não usarem sapatos. Os hobbits estão sempre com fome, os mesmos se contentam com, no mínimo, cinco refeições por dia e exalam felicidade e esperteza em seus grandes olhos brilhantes e bochechas rosadas.

Smeágol também já fora assim, até o dia em que ao pescar com o melhor amigo Déagol -cujo nome significa também em inglês antigo “oculto”, “secreto” -acaba por encontrar o anel e matar o outro hobbit por sentir a intensa necessidade de ter o objeto apenas para si. A partir desse momento a transformação tende a acontecer e a criatura que conhecemos surge, no entanto, como explica Cristina Casagrande, Sméagol já possuía indícios para realizar tais feitos em seu ser:



Smeágol mostrava interesse por questões subterrâneas, o que traça uma metáfora de sua própria personalidade: Smeágol era uma pessoa ensimesmada, com a mente curiosa e soturna, que estava em busca de suas origens (raízes) e, cada vez mais se interessava pelas questões mais baixas, ignorando aquilo que o elevava. (CASAGRANDE, 2017, p. 96)

Por seus hobbies, Smeágol tendia sempre a estar de cabeça baixa, nunca olhando para cima o que favoreceu a escolha do Um anel do poder ao escolhe-lo como portador. A partir do momento em que Smeágol comete o assassinato - que viria a ser um grande martírio em seu inconsciente - sua personalidade tende a mudar drasticamente. Tal reação, derivada de seus próprios atos nos faz lembrar do mito bíblico de Cain e Abel, onde ao matar seu irmão, Cain é expulso do jardim e se torna um ser desonroso. Os hábitos do personagem Smeágol, os quais já eram isolados, se tornam piores devido ao assassinato e pouco a pouco suas poucas ações características de hobbits, se rompem. Com o passar do tempo, já quase irreconhecível, a criatura é banida de sua comunidade e de sua família, e assim passa a ser também Gollum.

O nome Gollum não deriva de nenhuma etimologia complexa, nem de nenhuma língua distante, o mesmo passou a ser reconhecido por esse nome devido a um hediondo som que produzia ao ser comunicar “como se estivesse engolindo alguma coisa” (TOLKIEN, 2009, p. 73), no entanto chama-se sempre de “meu precioso” o que podemos dizer ser seu duplo.

O que ocorre com Smeágol pode ser considerado por muitos um caso de personalidade dupla ou desassociada, onde o indivíduo não caracteriza a si mesmo como apenas um. No entanto, é preciso se aproximar mais do personagem antes de apenas diagnosticá-lo clinicamente ou de apenas chama-lo de esquizofrênico. Sua personalidade dupla está presente, conflituosa e estável, uma personalidade desencadeada pela captura do anel, ou pelo despertar de sua autoconsciência devido ao assassinato de Deágol, ou ambos, mas a mesma se estabelece em um contexto fantástico, o que nos permite e nos obriga a analisar uma série de fatores.

Devido ao seu comportamento já completamente incompatível a sua classe de hobbit, Smeágol é banido de seu local de morada e é nesse momento, desamparado e isolado em que afirmamos que seu duplo ganha força, deixando-o irreconhecível:

Ali no fundo, na beira da água escura, vivia o velho Gollum, uma criatura viscosa. Não sei de onde veio, nem quem ou o que ele era. Era um Gollum: escuro como a escuridão, exceto por dois grandes olhos redondos e pálidos no rosto magro. Tinha um pequeno barco e remava no lago quase sem nenhum



ruído, pois era mesmo um lago, largo, profundo e extremamente frio. Olhos pálidos feito lamparinas, ele procurava peixes cegos, que agarrava com os dedos longos num piscar de olhos. Gostava também de carne (TOLKIEN, 2009, p. 72).

Através da descrição feita pelo autor, nos deleitamos com os mais complexos detalhes que comprovam a mudança ocorrida no personagem. A relação com o duplo é tão forte que a vemos na nova fisionomia de Smeágol. Essa desfiguração também é resultado do espaço em que o mesmo passa a habitar, a comparação com lago deixa claro a destituição com qualquer sentimento hobbit, ou até mesmo humano, Smeágol é agora seu duplo, não possui mais sua essência, é vazio, não se lembra nem mesmo de quem era.

Após o banimento que segue a ordem de exílio e reclusão: “Com o exílio o perigoso é expulso do corpo social; com a reclusão é isolado em um lugar” (TUAN, 2005, p. 298), a pequena criatura se aloja em uma caverna úmida, sozinha o bastante para idolatrar o Um anel por mais de 500 anos. Caracterizamos essa caverna como espaço topofóbico, angustiante, que traz ao leitor a realidade de nosso personagem e segundo Campbell:

[...] ingressar em uma caverna é ousar encarar as partes obscuras de nossa própria mente e alma. A escuridão esconde o que é desconhecido- não somente dentro da caverna, mas dentro de nosso próprio ser (COLBERT, 2002, p. 45)

Vemos esse ambiente refletido nos próprios comportamentos de Smeagol, assim como o lago onde se alimenta representa seu vazio interior, a caverna onde se esconde traz a realidade que o mesmo aceitou para si, a escuridão, o contato único e exclusivamente consigo mesmo e seu duplo: “Depois de muito tempo sozinho no escuro, Gollum tinha o coração negro, e a traição morava nele” (TOLKIEN, 2009, p. 12), e assim seguindo a narrativa, todos os locais pelos quais Gollum permeia são descritos como escuros e sombrios, o que se relaciona diretamente ao seu estado emocional, confuso e misterioso.

Apesar de complexo relacionar a duplicidade associada a Gollum e Smeágol, fisicamente, em certos momentos os mesmos se diferem nos levando as características do que chamamos de *doppelgänger*. Muito se já se foi falado sobre os estranhos casos envolvendo um suposto duplo do indivíduo, numa época em que as convicções dos seres humanos estavam abaladas, os estudos acerca do tema se intensificaram. Trazendo o termo alemão, que parte da junção de “*doppel*” significando “duplo” e de “*gänger*” fazendo referência a algo “ambulante”,



“que caminha”, tal termo se referênciava a uma manifestação sobrenatural, um verdadeiro desdobramento do ser como explica Julio França:

Embora mantenha com o indivíduo gerador algum grau de identificação, o duplo, ao dele se destacar, desenvolve uma existência mais ou menos autônoma. Apesar de ser uma extensão do sujeito, mesmo quando com ele se identifica positiva e plenamente, o duplo não abandona sua condição de simulacro, de mera sombra, uma vez que não tem valor em si mesmo, mas apenas aquele que seu modelo lhe fornece. Essa parece ser a peculiar condição ontológica do duplo: tem sua origem em um indivíduo, do qual é uma espécie de mimeses, mas não possui o mesmo estatuto. Afinal, no momento em que é gerado, já não pode mais ser confundido com o “eu” original; possui uma essência própria e se assume necessariamente como outro (FRANÇA, 2009, p. 7).

Dessa forma o *Doppelgänger* vem retratando uma espécie de alma gêmea, criatura sobrenatural ou até mesmo uma presença fantasmagórica que reproduz a aparência do ser e que de acordo com certos estudos, traz mal presságios. Tais aparições são vistas apenas pelo seu portador. Em relação a Smeágol, sua duplicidade é nítida na desassociação feita a partir de sua descrição física. Em sua forma de Smeágol, o mesmo possui olhos claros e opacos e refere a si mesmo como “eu” essa sua forma traz à tona o hobbit que um dia fora e mostra o fiapo de personalidade própria que ainda lhe resta, já em sua forma de Gollum, o mesmo é descrito com olhos verdes e sempre se trata como “nós” e é essa parte que controla e segue fielmente o anel:

Gollum estava conversando consigo mesmo. Smeágol tratava um debate com algum outro pensamento que usava a mesma voz, mas a fazia guinchar e chiar. Uma luz opaca e uma luz verde alternavam em seus olhos, conforme falava (TOLKIEN, 2009, p. 243).

Gollum prova a autonomia de um duplo, apesar de habitarem o mesmo corpo, as duas criaturas se entremeciam em uma conflituosa relação, o que causa a dualidade também dos leitores que se encontram confusos ao se posicionarem contra ou a favor dele. A aparição de um *doppelgänger* está sempre relacionada a algo maligno, muito se diz a respeito da influência que o mesmo possui em seu portador e certamente não seria diferente em relação ao nosso monstro.

A ideia de uma ambiguidade tão exaltante na obra está relacionada diretamente a questão da fronteira fantástica, de um lado temos o indivíduo que segue as regras de sua



comunidade, mas que não se contém ao se deparar com o prazer escapista que o anel lhe oferece, a libertação para algo maior. De outro lado temos o monstro que nos adverte sobre os perigos de se atravessar a fronteira, que nos mostra o que acontece ao se afastar das regras. Ao cruzar os limites estabelecidos você pode vir a ser atacado pelo monstro, ou vir a se tornar o próprio monstro.

Ao se marginalizar geograficamente, o hobbit deixa de lado sua personalidade para dar voz ao seu alter ego, seu duplo, dando cada vez mais voz para esse seu eu. A habitação também influencia nesse processo: “As habitações dos monstros são mais do que as obscuras regiões do perigo incerto: elas são também domínios de fantasia feliz, horizontes de libertação” (COHEN, 2000, p. 51), o exílio na caverna proporcionou a libertação do *doppelgänger* que passou a consumir o que restava de humanidade e da sua mobilidade, restringindo a caráter nulo os espaços sociais frequentados pelo ser.

Partindo da ideia de que Gollum seria o *Doppealganger* de Smeagol, quase como uma possessão espiritual, se faz necessário entender em que momento de sua trajetória essa relação teve início, afinal, se baseando no contexto geral da obra de Tolkien, todos os personagens e seres são influenciados por um único objeto. Seja diretamente pela vontade de destruí-lo ou toma-lo como posse, ou de maneira indireta, apenas por fazer parte da Terra-Média e assim também parte do conflito. Smeágol tem sua vida transformada ao encontrar o Um anel do poder no rio, e apesar de ao final da narrativa ser possível entender que o mesmo foi uma peça chave e que muito provavelmente estava destinado a aceitar o anel como parte de si mesmo, fica a curiosidade em saber se sem o objeto Smeágol seria apenas um pacato hobbit.

São grandes os números de objetos encantados/amaldiçoados encontrados em obras de fantasia. Anéis mágicos sempre foram objetos importantes em lendas do mundo todo e em sua grande maioria, aprisionavam um espírito ou alma em si. Segundo David Colbert, a lenda que inspirou J. R. R. Tolkien vem da mitologia nórdica e conta a história do anão Andvari que ao temer ter sua preciosidade roubada, profana maldições a todos. Tendo em mente tal história, Tolkien faz de tal objeto um personagem, um objeto: “Voluntarioso e perverso; sua lealdade é devida a seu dono e não ao portador. Na tradição folclórica, poderia ser chamado de figura ardilosa” (STANTON, 2002, p. 35), tal anel possuía caráter próprio, vontades próprias e seria talvez o responsável por aprisionar o *Doppealganger* que se apossa de Gollum ou simplesmente ser o próprio espírito maligno que forte o bastante, passa a controla-lo com a intenção de ser levado para o senhor da escuridão.



Se tratando então de um objeto tão poderoso como o Um anel do poder, que guarda em si parte do antigo poder do senhor da escuridão podemos caracterizá-lo como sendo um Kolossós. Segundo Jean-Pierre Vernant, tais Kolossós seria uma representação material do que estaria em outro plano, podendo ser pedras, estátuas, monumentos, dos quais geralmente estariam ali para substituir o cadáver morto. Segundo Vernant, o Kolossós: “Não é uma imagem: é um “duplo” como o próprio morto é um duplo do vivo” (VERNANT, 1990, p.384) e ainda prossegue:

O duplo é uma coisa bem diferente da imagem. Não é um objeto “natural”, mas não é também um produto mental: nem uma imitação de um objeto real, nem uma ilusão do espírito, nem uma criação do pensamento. O duplo é uma realidade exterior ao sujeito, mas que, em sua própria aparência, opõe-se pelo seu caráter insólito aos objetos familiares, ao cenário comum da vida. Move-se em dois planos ao mesmo tempo contrastados: no momento em que se mostra presente, revela-se como não pertencendo a este mundo, mas em um mundo inacessível (VERNANT, 1990, p. 389).

Mesmo não sendo um monumento ou estátua exuberante o Um anel do poder exerce a função de Kolossós na vida de Sméagol, após tanto tempo tendo o anel em seu domínio é nítido a forma como o mesmo o corrompe, é de praxe que portadores de tais objetos percam sua aparência física pois: “O Kolossós, sempre enquanto duplo, realiza: a ligação dos vivos com o mundo infernal” (VERNANT, 1990, p. 392), dessa forma Smeagol passa a ser um cadáver vivo de algo extremamente maligno, o que também embasa a perturbação da qual o personagem se encontra durante toda a trajetória. É da natureza de tal anel estender a vida de quem o utiliza, ao mesmo tempo em que consome a energia do portador, é normal que o indivíduo pareça mais magro e enfraquecido.

A certo ponto da narrativa fica explícito o fato de o Um anel ter “escolhido” Smeágol para ser seu portador, o que levanta questões curiosas, afinal, porque um simples hobbit e não um cavaleiro poderoso, ou até mesmo um grande mago? É claro que seu forjador Sauron o queria de volta, afinal parte de seu poder havia passado para tal objeto no momento em que fora criado, no entanto, mesmo se tratando de tamanho poder, o escolhido é Smeágol que passa cerca de 500 anos com o Anel sem nunca realmente o usar de maneira significativa, e talvez aí mesmo estaria a resposta: Smeágol é uma vítima em potencial, sua obsessão pelo objeto é doentia, o mesmo “pensa possuir o Anel, mas é na verdade possuído pelo mesmo” (STATON, 2002, p. 37).



Além de refutar um dos maiores poderes do objeto, que dá poder de acordo com a estatura do portador, no caso de um personagem forte, tal ser poderia vir a se tornar o novo senhor da escuridão, traindo o criador do anel, Smeágol “era uma criatura pegajosa e desagradável antes de possuir o Anel e este apenas intensificou tais características” (STATON, 2002, p. 37), sendo assim a vítima perfeita para o kolossós.

Dadas as relações de duplos, caracterizando o *doppelgänger* e o kolossós, não poderíamos deixar de analisar a própria composição mítica que envolve a estrutura de tal personagem e que contribui no entendimento de Smeágol e seu duplo Gollum. Como grande amante das mitologias mundiais, Tolkien utilizou de diferentes contrastes na criação de seus personagens além de a partir daí proporcionar ao leitor uma mitologia própria e original. Como o próprio autor admitiu, sua obra prima muito foi influenciada pelo grande clássico da literatura inglesa *Beowulf*.

Beowulf, traz o conhecido vilão Grendel o Ogro que aparecia a noite e assassinava muitos guerreiros do Rei Hrothgar enquanto os mesmos dormiam. Não satisfeito o mesmo quebrava seus ossos e comia suas peles. Grendel era o monstro mais temido pelos vivos e também por outras criaturas horripilantes que abrigavam o limiar da vida e da morte. À primeira vista é difícil associar tal monstro ao pequeno Gollum, no entanto é irrefutável a tensão que se espalha ao ler sobre tal ser, o mesmo enquanto duplo não demonstra ter piedade e mostra o instinto assassino que faz com que certas criaturas na Terra-Média o temam. Provido com uma força física inexplicável Grendel não dava chance as suas vítimas, da mesma forma Gollum possuía em suas mãos o poder de estrangular aqueles que ameaçassem tomar seu “precioso”, além disso:

O monstro Grendel tinha uma existência amaldiçoada e similar: ele parece ter pouca ou quase nenhuma linguagem humana. Sua vida noturna era ocupada em grande parte com atividades como rastejar pela noite, praticar canibalismo e assassinatos. As horas com luz do dia parecem ser passadas dormindo em uma caverna sombria, no leito de uma caverna imunda, no meio das terras úmidas e assombradas, não muito diferentes dos pântanos mortos da Terra-Média. (DAY, 2004, p.142)

As relações são muitas, o “rastejar” demonstra as relações subumanas que tal ser possui, Gollum assim com Grendel possui uma posição marginalizada de acordo o resto do mundo ficcional, habita locais topofóbicos e sua miserável existência parece a priori desassociada de qualquer grande feito, como apenas dois grotescos monstros, os mesmos se baseiam em seus próprios princípios egoístas, rejeitando qualquer influência exterior.



No entanto, como já dito anteriormente, é confuso associar Gollum apenas como um ser maligno devido a sua relação dupla. Sua composição se personifica pela junção de sua origem como um Hobbit e também pelos traços característicos de um Goblin. Os Goblins geralmente são apresentados com seres diminutos e verdes, semelhantes a duendes, fazem parte originalmente do folclore nórdico, na cultura brasileira podem ser associados a tardos e trasgos, dessa forma, Gollum também pode ser deferido como um Hobgoblin: “geralmente uma criatura maliciosa ou um bom espírito pervertido... De qualquer forma o Hobgoblin é uma criatura ambivalente, não má, mas frequentemente em disputa com o senso humano do que é certo e o que é errado” (DAY, 2004, p. 142), tal definição mostra bem o conflituoso relacionamento de Smeágol, um pacato hobbit e seu duplo Gollum, sua parte corrompida pelo anel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão podemos associar tal dicotomia de caráter a nós mesmos, Smeágol nos “causa repulsa, mas também empatia, até mesmo compaixão” (CASAGRANDE, 2019, p. 117), sua personagem dentro da narrativa nos deixa afoitos no sentido do que consideramos bom e mal, sua compostura define a luta cotidiana contra nossos desejos impuros, nossos impulsos. Em muitas passagens é possível notar as atitudes que partiriam de um ser são, e o quanto o contato com outro hobbit- o herói da narrativa- contribuiu para que o ápice da batalha interior do ser acontecessem, o mesmo salva seus companheiros de viagem inúmeras vezes, em certas passagens chega a demonstrar afeição pelo “mestre” e considerando que o anel não poderia, ao final, ser destruído sem ele, temos a particularidade de um personagem que apesar de corrompido e marginalizado seria pelo autor posto como herói. No entanto Gollum como duplo e sem a essa altura poder ser desassociado de seu hospedeiro serve apenas a si mesmo, simboliza as nossas fraquezas, nosso egoísmo e as nossas más inclinações como indivíduos, sendo ao final uma gigantesca representação do horror e da genuína esperança.

A duplicidade criou um personagem complexo e tão rico em detalhes que conquistou a série e até hoje deixa dividido os leitores que o consideram ou um dos piores vilões da saga ou uma vítima fatal, segundo o próprio Tolkien em uma de suas cartas: “Gollum para mim é apenas um ‘personagem’- uma pessoa imaginada- que, dada a situação, agiu deste e daquele modo sob tensões opostas, como parece ser *provável* que ele agiria”. (TOLKIEN, 1981, p. 224), ele demonstra a flexibilidade do ser em se reinventar e se reafirmar a cada momento, a cada situação. Demonstra os nossos instintos básicos em revidar ou aceitar as condições que nos são dadas e é dessa forma que temos ao final, um ser monstruoso mas que nem sempre foi assim.



Vítima do acaso mas também predestinado, hospedeiro em potencial, corrompido por forças malignas e abrigador de um novo e oposto ser, durante séculos se viu escravo de um único e simples objeto perdendo-se completamente na jornada e que como resultado se viu liberto com a morte.

- Precioso, Precioso, Precioso! - Gritava Gollum- Meu Precioso! Ó, meu Precioso- E assim, no momento em que erguia os olhos para se regozijar com sua presa, deu um passo grande demais, tropeçou, vacilou por um momento na beirada, e então com um grito agudo caiu. Das profundezas chegou seu último gemido, *Precioso*, e então ele se foi (TOLKIEN, 2009, p.221-222)

REFERÊNCIAS

- BEOWULF (autor anônimo). **With The Finnsburg fragmente**. Edit by A. J. Wyatt. Cambridge: at the University Press, 1914.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca-SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien, a biography**. London: Harper Collins Publishers, 2016.
- CASAGRANDE, Cristina. **A Amizade em O Senhor dos Anéis**. Martin Claret. São Paulo. 2019.
- COHEN, Jeffrey Jerome. **A cultura dos monstros: sete teses**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COLBERT, David. **O Mundo Mágico do Senhor dos Anéis, mitos, lendas e histórias fascinantes**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. Sextante. Rio de Janeiro. 2002.
- DAY, David. **O mundo de Tolkien, fontes mitológicas de O Senhor dos Anéis**. Tradução de Melissa Kassner. São Paulo: ARXJOVEM, 2004.
- FRANÇA, Julio. **O insólito e seu duplo**. EdUERJ. Rio de Janeiro. 2009.
- STATON, Michael N. **Hobbits, Elfos e Magos**. Frente. Rio de Janeiro. 2002.
- TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. Martins Fontes. São Paulo. 2009
- TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. Martins Fontes. São Paulo. 2009



- TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. Martins Fontes. São Paulo. 2009
- TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. Martins Fontes. São Paulo. 2009
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- VERNANT, J. P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1990